

A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Director — F. M. Raposo d'Almeida.

Vol. II.

DOMINGO, 13 DE JULHO DE 1856.

N. 31.

PARTE BIOGRAPHICA.

O Sr. Visconde de Sapucay. I.

Na fundação dos imperios apparecem sempre alguns vultos epicos, cujas phisionomias moraes se retratam, se daguerreotipam no coração dos contemporaneos; e, na memoria das gerações futuras, tornam-se, por assim dizer, como creações mythologicas.

Não é preciso que Phidias ou Canova, que Pericles ou Van-Dik os retratem na tela ou os desentranhem do marmore de Paphos ou Carrara, o povo tral-os retratados e esculpidos n'alma, porque o povo recolheu na memoria os seus feitos gloriosos, porque o povo endeosou esses heroes da sua historia com a veneração e o culto, que os christãos consagram aos martyres do Evangelho e aos beatificados em Deos.

É verdade que ha tambem na fundação dos imperios heroes improvisados, especie de meteoros deslumbrantes, que brilham e desapparecem: entidades hybridas que atroam a sua actualidade com accções, e factos virtiginosos; mas que passam como o improviso, que somem-se como o meteoro, que confundem-se como os fogos fatuos de um lodaçal immenso: são uma especie de andaimes, que se levanta; são uma especie de liames, e cipós que suffocam a arvore. Ao rematar-se o edificio desapparecem essas taboas e estacas rudes, e subsiste o monumento com as suas faxadas artisticas, com o seu zimborio e piramides a brilhar, com as suas decorações e pinturas deslumbradoras, com o seu todo magestoso. Ao lançar-se o fogo na floresta virgem, as suas chamas devoram os liames e cipós, crestam as parasitas e lambem o musgo esverdeado: então as arvores desassombradas refazem-se d'uma seiva vivificadora, tornam-se cada vez mais campeadoras na extenção immensa d'esse oceano de folhas e ramagem, chamado a floresta.

Como as faxadas, a cupula e as piramides do edificio monumental, como as arvores seculares da floresta, que resistiram ao fogo e ao estalar das tormentas, assim começam a surgir, das primeiras decadas do imperio, os nomes gloriosos dos seus patriarchas, já purificados no cadinho de uma posteridade insuspeita, já desassombrados das invejas e dos ciumes dos heroes improvisados, dos meteoros de momentos ruidosos; d'esses liames de ambições e despeitos pesssoaes. Os trez Andradas, o

visconde de S. Leopoldo, o marquez de Maricá são os principaes vultos que o povo mostra no Pantheon moral da sua historia. A mão poderosa do tempo vae trazendo para o primeiro plano da scena os protagonistas do drama da creaçao do imperio, enquanto que os comparsas se vão retirando, escoando e sumindo pelo fundo do proscenio, e quasi não se lhe devisam mais os traços phisionomicos, nem se ouvem as palavras do seu papel insignificante, nem se distingue mais as pregas da sua roupagem de hestriões politicos de um dia.

Ha tambem nos reinados homens, cuja posteridade é uma realidade no presente, cujos nomes são populares e queridos, e que se repetem como os de um parente chegado, homens, cujos nomes estão por tal forma ligados aos factos maximos da historia contemporanea, que tornam-se, por assim dizer, uma idéa concreta na philosophia da historia, homens que não tem o seu nome dislinido n'um capitulo especial da chronica nacional, mas cujo espirito actua em todas as suas paginas, em todas as phases porque passou, em todas as eventualidades que se cruzaram, homens que, como Socrates, dominam uma epocha com o seu saber, homens, que como D. Aleixo de Menezes honram douos reinados com as suas virtudes civicas: o Sr. visconde de Sapucay pertence a este numero. Como Socrates em relação a Philippe e a Alexandre, como D. Aleixo em relação a D. João III e a D. Sebastião, assim o Sr. visconde de Sapucay em relação ao Carlos Magno, e ao Numa Pompilio do Brasil.

Não foi preciso que a pedra tumularia cahisse sobre o cadaver d'este varão illustre, um dos primeiros patriarchas do imperio, para que o povo, em geral d'uma ingratidão proverbial, reconhecesse o preço e valor moral d'este homem venerando, cuja fronte cinge o triplece diadema das virtudes civicas, das virtudes pesssoaes e domesticas, e da dedicação e do merito litterario.

Entre nós já se vae realizando o que a respeito de um litterato hespanhol escreveu ha pouco uma das mais talentosas pennas de Portugal. O homem, quo a natureza distinguiu entre os homens pelo sello divino do talento, diferença-se hoje tambem pelo consenso publico entre os seus concidadãos. N'outro tempo o genio só começava a sua vida, quando, desatado dos invultorios da carne, offerecia uma campa por altar ás oblatas, e ás adorações da posteridade. Hoje adornam-lhe em vida a fronte com as palmas da admiraçao publica; e o aplauso popular não se contém, nem se sofrêa já, até que a morte, aniquilando o homem, annuncie a hora em que é lícito fazer a apotheose do seu nome. Antigamente o genio passava quasi como proscripto

per entre as multidões ciosas ou indiferentes. Hoje a gloria, offuscando, nas ondas de sua luz purissima, as maculas da inveja, não espera que o cyreste enrame o tumulo dos grandes homens para entretecer os goivos funerarios na radiosa coroa do seu merito. O genio era outr'ora o diploma, com que se atraia a aduersidade, com que se alcanava a ingratidão e a dureza dos contemporaneos. Era como uma loucura sublime, que trazia arredadas as turbas suspeitas e descrentes. O poeta era o idiota da sociedade, admittido por esmola nos festins dos grandes; e desdenhado por inutil no lidar interesseiro dos populares. Hoje a sociedade policiada e livre já lhe abre o estadio a todas as carreiras; e sem lhe negar o pão como a Homero lhe negou a patria desnaturada, assenta-lhe solemnemente a coroa, enquanto a fronte ainda palpita de inspiração e de entusiasmo: o lençol que amortalharia Camões é hoje trocado por uma farda de nobre, ou por uma grão-cruz, que coloca o predistinido na communhão da soberania real.

Se o merito e a virtude não tem ovações, nem Capitolio, nem Pantheon, tambem já não tem o desprezo dos fidalgos de sangue, nem a indifferença do povo, nem a ingratidão dos monarchas, nem o cerebre do Tasso, nem a masmorra de Galileo, nem o hospital de Camões. Acabamos de passar por uma grande transfiguração social, e vamos caminhando para a epocha em que o saber e as virtudes civicas hão de ter um culto, como já hoje vão grangeando respeito; para uma epocha em que a intelligencia será a moeda para as grandes cousas, como ainda há pouco as grandes cousas erão quasi todas sacrificadas á moeda sordida do trâscante. Um titulo heraldico em premio de serviços já vale mais, do que um trocado por um punhado de ouro.

En quanto o espirito publico não reconhece estas verdades em to ta a sua extenção e as applica aos seus homens proeminentes, vamos nós, na estreita esphera de jornalista, em que apenas respiramos, consagrar pela nossa parte, algum culto a esses varões, que tem consagrado uma vida inteira ao engrandecimento e glorificação das letras, das sciencias, das artes ou da industria e que asseguraram este presente de algum conceito publico para os homens que os professam, e lhes tem preparado um melhor futuro.

Se a Deos é tão agradável a oração feita na basílica de S. Pedro pelo summo pastor da igreja, como a oração do ultimo paraclo em uma ermida rural, temos fé que o culto da nossa devação litteraria celebrado nas acanhadas columnas da *Semana* e será recebido, se não pelo valor que não tem, ao menos pela intenção e cordealidade em que abunda a offrenda. Ná ingenuidade do nosso culto inauguaremos um Pantheon collocando n'elle os vultos da nossa devação litteraria. Como a esti esculha preside o coração e não a cabeça a primeira estatua que inauguruamos é a do Sr. Visconde de Sapucahy.

O primeiro lugar do nosso Pantheon pertence-lhe de direito e de facto: de direito porque é um dos nossos primeiros litteratos, que preside á primeira corporação litteraria do Brasil, e talvez de toda a America, e de facto porque ha onze annos tem sido o nosso mestre, o nosso chefe, e ousaremos dizer nosso amigo.

Mas não são apenas considerações de deferencia

pessoal que nos a conselhou a escolha. O Sr. Visconde de Sapucahy, como dissemos, reune em si, em subido e acrisolado grão, as distinctas virtudes do civismo, a gerarchia da litteratura e todas as nobres e excellentes qualidades do homem privado.

D'esde os logares das primeiras instancias da magistratura até aos seus gráos e gerarchias mais elevadas, percorreu o Sr. Visconde a carteira publica sem uma unica macula. Desde os primeiros cargos da republica até aos de conselheiro de estado, de ministro da coroa, e dictador de facto, nunca a sua alma se queimou no fogo das paixões más; conselheiro e mestre do Imperador, seu Socrates, seu Mentor, e seu anjo tutelar nos dias calamitosos do desenfreamento das paixões politicas o Sr. Visconde de Sapucahy nunca foi pensionista da arca das graças, nunca pedio aos governos uma posição para seus filhos, nunca se valeo do seu predominio moral: contentou-se com a estima, com o respeito, mesmo com a veneração, d'esse illustre discípulo, que é a primeira gloria do Imperio, e um dos mais illustrados Monarcas contemporaneos.

F. M. RAPOSO D'ALMEIDA.

PARTE LITTERARIA.

PROFESSORES DA AED.

Quando no começo deste seculo a Universidade de Paris tratou de reformar a instrucción publica em França, o que sucedeu? — Era tal o corpo do Professorado, que o chefe da universidade, não se deixando actuar pelo difícil da empreza, e pelos combates que naturalmente devia contra elle dar a rotina mancommunada com a ignorancia, principiou por encarregar a pessoas de severidade reconhecida e patriotismo elevado de visitar os estabelecimentos particulares de instrucción: — uma juncta de inspectores geraes foi nomeada para examinar os mestres que ensinavam em tóes casas, e velar nas respectivas escolhas, que até então haviam sido sempre decididas só pelo menor preço — Foi tanta a actividade desenvolvida por esta juncta, que no prazo de douis annos fez excluir das pensões de Paris perto de quatro centos d'estes mestres vagabundos, cuja ignorancia e grosseiros costumes eram os menores inconvenientes. — Passou depois aos Lyceus e Collegios municipaes, aonde foi-lhe impossivel operar uma reforma tão rigorosa e completa, qual teria exigido o interesse da moral e da instrucción publica: entretando as remoções foram muito numerosas: alguns homens repelidos pela opinião foram despedidos ou jubilados, outros chamados para as cadeiras da Capital etc. — D'hi por diante a natureza e a bondade das novas escolhas, indicando claramente as tendências e os votos da Universidade, trouxeram ao Pro-

fessorado homens que podiam honrar-o e purificá-lo.

Trazendo para aqui este facto da instrucção publica em França, não quero dizer que estejamos nas mesmas circunstancias, e que possamos do mesmo modo proceder; não. Façamos porém quanto couber no possivel, respeitando, mais ou menos, direitos, ás vezes bem mal adquiridos:—cure-se de vedar o mal de agora por diante, empregando-se os esforços conducentes a attenuar a intensidade do mal já feito, soffrendo-o com resignação até que a Deus praza terminal-o.—Os erros do passado são factos que esclarecem o futuro, e é sempre mais proficuo a experiença que nos vem de tal origem:—e pois aproveitamos as lições da experiença que tão cara nos tem sido, e empreguemos quanto em nossas forças estiver assim de alcançarmos d'aqui por diante bons e excellentes Professores.

Dois são, conforme penso, as condições capitales, *sine quis non*, para tocarmos este *desideratum*: 1.^a—remunerações satisfactorias com as maiores considerações ou distincções honorificas, e uma penalidade correspondente;—2.^a—habilitações maiores intellectuaes e moraes, de parceria com maior severidade nos exames.—Diré aqui da primeira, guardando-me para falar da segunda, quando tratar da Escola Normal.

Não ha em toda esta Província um só individuo, por menos pensador, que deixe de reconhecer e lastimar a vil remuneração arbitrada aos Professores primarios. — De facto é incomprehensivel como os Professores de fóra possam manutenir-se com 400\$ rs. de ordenado; e ainda muito mais incomprehensivel os da Capital com 600\$ rs., hoje que por toda a parte, e muito especialmente n'esta Cidade, a vida tem-se tornado extraordinariamente cara!!

Qual será o moço de alguma habilidade e maturigeração que em qualquer ramo de industria, ou em qualquer outro emprego publico de menos responsabilidade e de tres a seis horas de trabalho diario, não ganhe o duplo e mais d'estas quantias?—E acaso, esse moço, por mais que a natural vocação o chame ao magisterio, quererá nunca jamais fazer parte d'elle, assim reduzido á um ordenado que não chegará para bem satisfazer as primeiras necessidades da vida, quanto mais para vestir com decencia, e ter uma casa mais ou menos limpa em que habite?! — E qual será a razão porque ordinariamente os Professores publicos no interior da Província, curando pouco do exercicio do magisterio, empregam-se em

negocios, especulações, advocacia, laboura, etc.?

— E' porque imperiosa lei da necessidade tem mais força do que quantas leis fazem homens—é a lei das leis.—E' porque 400\$ rs. para nada chegam, muito principalmente se tem o infeliz Professor á seu lado mulher e filhos que vestir e alimentar.

E porque será tambem que alguns professores d'esta cidade empregam-se em um ou outro mister alheio ao magisterio, como sejam—escrever para cartorios, casas de commercio etc. ?!

Por tal preço, Exm. Sr., nenhuma serão, ou então rariissimas, as boas acquisições para o corpo do Professorado, visto como só o buscarão individuos incompetentes e que para nada servem no mundo; ou então (*rari nantes*) aquelles que sendo por natureza fadados para a vida do magisterio, acham-se como que inhabilitados para proverem outro qualquer meio de existencia:—e ainda assim estes individuos naturalmente votados a uma tão espinhosa ocupação, não exercerão com gosto e animação que lhes poderiam infundir remunerações proporcionadas ao seu merecimento.

A par de bons ordenados, eu quizera que outras garantias e considerações honrosas se creassem para a classe dos Professores.

Não seria por ventura de um grande alcance, seguindo o exemplo da Allemanha e outros paizes, como prova de interesse pelo futuro do Professorado, crear-se para elle uma caixa economia, ou um monte pio dos Professores da Província, onde todos, voluntaria ou involuntariamente, depositassem uma pequena quota annual dos seus ordenados com o sim de garantirem o seu e o futuro de suas familias?—Com semelhante criação mais se firmaria a idéa de tornar o Professorado da Província uma corporação importante e distinta, ligada por interesses communs, quaes não os tem na actualidade,

Nem se deveria ficar só na criação de um tal estabelecimento, conviria tambem impetrar da Assembléa Provincial (ao menos em quanto os Professores não podem ser bem retribuidos) a consignação de uma pequena somma annual para augmento do fundo de reserva do mesmo, o que insensivelmente iria augmentando o seu patrimonio em beneficio de uma classe que é digna de todos os favores e protecções.

Quanto ás distincções honorificas, eu propria que o Conselho de instrucção fosse composto somente de Professores publicos effectivos ou jubilados, que de tal fossem merecedores por sua illustração, serviços prestados, e dedicação ao magisterio;—sendo uns effectivos e outros honorarios.

Um Conselho de instrucção publica assim constituindo não deixaria de atrahir a attenção e veneração dos Professores, e de ser-lhes estimulo forte para se habilitarem com bons procedimentos, assim de um dia alcançarem a honra de fazerem parte d'elle. Teria, alem d'esta, uma grande utilidade, e era, que nas questões de correção e penalidade, as suas decisões, que por honra mesmo da classe e do Conselho deveriam ser as mais severas, nunca poderiam ser acoimadas de injustas e iniquas pelos delinquentes, havendo partido de seus pais, em quem não podem deixar de depositar a mais plena confiança, e a mais legítima segurança de que seus interesses não serão já mais tratados muito de leve, nem esquecidos ou desconhecidos.

A França que tanto se tem esforçado por melhorar sua instrucção publica, não se esqueceu de crear essas animações honorificas para a classe do Professorado. — Por Decreto de 17 de Março de 1808, arts. 32 e 33, foi creada alli uma ordem honorifica para essa classe, composta de tres graus — 1.º—os titulares—2.º—os officiaes da Universidade: 3.º os officiaes das Academias; e á estes graus estão ligadas condecorações que consistem em uma dupla palma na parte esquerda do peito, bordada de ouro para os titulares, de prata para os officiaes da Universidade e de seda azul e branca para os officiaes das Academias. (1)

Este Decreto foi depois em parte alterado pelos de 9 de Dezembro de 1830, e de 24 de Dezembro de 1832, porem sempre no sentido de fazer extensivas tais condecorações á todos os membros do Professorado, quer publicos, quer particulares, que d'ellas se fizerem credores, e á todas as autoridades prepostas á instrucção nacional. (2)

Não sei se a Província deveria adaptar semelhante lei, que mais me parece da alcada da Assemblea Geral, e mais para ser applicada ao Brazil inteiro. E, desde já, fique n'este logar consignado, que sou completamente avesso a esse sistema de instrucção Provincial que rege o paiz, que pôde tanto concorrer para mais fixar e determinar o espirito de Provincialismo que infelizmente se acha mais de marca desenvolvido no Imperio. — Tenho para mim que só um sistema geral de instrucção publica, sabiamente formulado e estabelecido, poderá, permita-se-me a expressão *nacionalizar a Nação Brasileira*, trazer-lhe essa unidade intellectual e moral que é a primeira condição de força e de grandeza, destruindo essas mesquinhias rivalidades de

mesquinho Provincialismo, que tanto afrouxam os vinculos que devem ligar os Brazileiros. — Algum dia, espero, desenvolverei estas idéas, que não faço senão apontar aqui; — e muito contente serei se conseguir despertar os altos Poderes do Estado a tomal-as em consideração.

E' este um problema de imenso interesse moral e político, para cuja resolução os nossos homens eminentes deveriam profundamente attender.

E de feito, não parece anti-nacional e impolítico que assim continúe irregular e multiforme a instrucção publica do Imperio, legislando cada Província ácerca d'ella como lhe parece?! E isto em um paiz tão novo e tão vasto!

Não se deprehenda d'estas reflexões, comparadas com o que já deixei dito, e com o que terei de expender ainda sobre a instrucção da nossa Província, que sou contraditorio: — tenho fallado, e assim heide continuar no correr deste relatório, de conformidade com o que é, e não com o que devia ser.

Ao passo que as garantias e honras se concedessem, não conviria de modo algum ser esquecido que as penas deveriam crescer em igual proporção.

Até o presente por mais que as auctoridades prepostas á instrucção publica tenham sido animadas de bons desejos e melhor vontade, não dispondo de suficientes e definitivas atribuições penais, pouco tem logrado fazer pela correção dos Professores em certas circunstâncias dadas, sobretudo, entre outros defeitos da legislação n'este sentido, a faculdade que deixa ao Governo de dimittir-os, não lhe concedendo a de removel-os, ainda quando o interesse do serviço o exija, senão por consentimento dos mesmos; defeito que deve ter sem duvida levado V. Ex. a dimittir Professores para quem a remoção seria punição bastante.

Assim como as remoções podem ser consideradas premios ao merito, podem e devem ser justas e próficias punições ao demerito: — e cedecerá muitas vezes que um Professor pouco zeloso em uma localidade, logo que pela remoção se acha no meio de uma outra sociedade, actuado por circunstâncias diferentes e sob a vigilância de Comissários severos e prestigiosos, torne-se solícito cumpridor dos seus deveres.

Das remunerações avantajadas não dimana somente a necessidade de uma penalidade forte e proveitosa, senão que autorisam a Província a exigir, em cambio dos seus sacrifícios, d'aquelles que se propõem ao magisterio, habilitações superiores ás requeridas até agora, e um fundo de

(1) Rendu.—Code Universitaire.

(2) Barrau—Nouvelles lois sur l'enseignement.

vocação, de comportamento moral e religioso á toda prova. — Direi aqui apenas das qualidades moraes e religiosas que deve possuir o aspirante ao Professorado: ácerca das habilitações intelectuaes, guardo-me para quando tiver de tratar da Eschola Normal.

A historia e os factos que diariamente se sucedem provam que uma civilisação muito elevada e um grande desenvolvimento de espirito não são as condições essenciaes para o bem ser dos individuos e das nações, se não se acham baseados em uma severa moralidade, ou em sentimentos elevados de religião, e portanto de moderação e humildade.—D'ahi deprehende-se pois que a educação moral e religiosa deve sempre seguir—*pari passu*—a cultura intellectual; são duas irmãs que muito se dão, que mutuamente se ajudam e se exaltam, e que isoladas perdem algum tanto de sua valia.—Reflectindo-se porem no como a boa marcha da sociedade está principalmente dependente da educação moral e religiosa do povo, parece que o Governo deve para esta mais especialmente attender.—E porque tão eminente missão é sem remedio commettida aos mestres primarios, cujas doutrinas devem formar para os discipulos uma especie de atmosphera moral em que vivão e se desenvolvam, nunca será excessiva toda a reserva na escolha d'aquellos. — Chamem-se, aceitem-se, para este importanto sacerdocio, homens taes que inspirem confiança inteira por sua descrição, por sua probidade e piedade, tendo-se sempre diante dos olhos—*que à elles se vai incumbir dos fundamentos da sociedade por vir.*—

A mesma segurança da sociedade e a estabilidade das instituições ordenam imperiosamente que se cuide com esmero na educação e instrucção popular.—Um povo desmoralizado e embrutecido é por via de regra feroz e pouco amante da paz, cujos benefícios não sabe apreciar e desconhece: —esse povo sempre disposto a tudo quanto sabe á desordem, ignorando completamente as instituições do seu paiz, e não lhes dedicando por consequinte nenhum amor, nem interesse, levanta-se facilmente contra ellas apenas arengado por um caudilho habil e temerario, do qual se torna assim facil e perigosa manivella. Se pois desde os primeiros annos um bom preceptor encarnar no espirito e no coração dos seus discipulos o amor das nossas instituições, o respeito e veneração ao nosso Monarca, e mais que tudo a religião dos nossos pais, nunca jamais rebellar-se-hão elles contra sentimentos assim gravados em suas almas e corações.

E' deste modo, e só d'este que se forma o espirito publico: e então pode-se contar que pouco terá que fazer o codigo penal, porque entre governo e povo se estabelecerá uma tal communhão de sentimentos que será o mais valente penhor da ordem.

— A educação por tanto e a instrucção, as doutrinas e luces, taes são os dous grandes objectos pelos quaes o Governo deve mais se esforçar, quando trata de formar cidadãos.—

DR. ABILIO CEZAR BORGES.

PARTE NOTICIOSA.

Correspondencia de Londres.

CARTA III.

Duas palavras sobre um genero de escriptos, que, não tendo a consistencia de um solido trabalho litterario, está sendo hoje apreciado, como talvez nunca o foi. Fallo das memorias e diarios em que o espirito observador vai lançando, sem o artificio que tras comsigo a immediata publicidade, quantas impressões lhe suggere a vida de relação. A intelligencia, como que achando-se a sós, se reflete mais desassombradamente para aquellas paginas intimas: a luz que elles derramam sobre os factos a que se referem é mais pura, e conseguintemente o estudo que sobre elles vier a fazer, traduzirá com mais verdade as feições da época, do modo de ser, ou da sociedade de quem foram contemporaneas.

Creio ser esta a razão de preferencia que estes trabalhos vão de dia para dia obtendo por toda a parte.

É por isso que principiará hoje este noticiario bibliográphico e científico por mencionar duas obras d'estas.

Vai sair a lume, dentro em poucos dias, a primeira parte das *Memorias autographas de Sir Robert Peel*, coordenadas pelos testamenteiros do falecido baronnet, lord Wehon e Mr. Cardwell. O producto d'esta publicação é em beneficio dos homens de letras, sabios ou artistas inglezes faltos de meios.

Deu-se já á estampa uma parte do *Diario de Thomas Raikes, esq., desde 1831 a 1847*; ou reminiscencias da vida social e política em Londres e Paris durante aquelle periodo. (*)

Não ha cidade como Paris, para excitar a facultade perspicazmente observadora de que certos es-

(*) Vols. 1.^o e 2.^o—Longman etc. C.—London.

piritos são dotados: a época em que Thomas Raikes esteve em contacto com o mundo parisiense é das mais excepcionais; poucos períodos da história social forneceram maior abundância de elementos ao compilador dos quotidianos sucessos mais próprios a retratá-la.

Mm. Recamier ainda vivia com o seu círculo que Mr. de Chateaubriand bondosamente edificava pelas leituras que lhe fazia das suas memórias manuscritas. Mm. d'Abrantes ainda dava as suas reuniões. Mm. Mars ainda estava na cena; Bouffé e Dejazet ainda se não tinham visto declinar do apogeo do seu talento; e a nova literatura romântica, respirava a embalsamada primavera da sua curta vida.

Ainda saiam várias damas distintas ao disfarce, pelas frias manhãs de dezembro, para irem consultar na rua de Tournon Mm. Lenormand, que era então como a sibila do Legitimismo.

As páginas de Mr. Raikes inspiram-se d'aquelle singular movimento, revelam os cambiantes da corte de Luiz Philippe, desenhando aquelle espírito conspirador que transparecia nos salões e salões.

É um livro interessante.

A guerra do Oriente tem servido de objecto a tão prodigioso número de publicações recentes, que mui difícil é escolher com acerto; com tudo, o opúsculo anônimo que tem por título *Visita a Sebastopol oito dias depois da sua queda** pode ser recomendado com proveito de quem o ler, pela sua clareza e despertadora concisão. O autor é soldado, e nessa qualidade faz algumas considerações muito judiciosas acerca do ataque do Ridente, condenando a maneira porque foi dirigida aquella ação. A sua descrição do interior de Sebastopol e dos horrores do conflito contrastando com a cena da vitória, é breve e frisante.

Na sociedade GEOGRAPHICA leu-se ultimamente uma memória sobre os « Ciganos da Moldavia » pelo consul Gardner; sobem a 120:000; são inteligentes e industriosos, e muitos d'elles applicam-se a vários ofícios e misteres; o seu estado actual de servos da gleba, pois realmente poucos estão emancipados, é uma vergonha para o país e para o governo. Confirma-lhes a origem indígena a semelhança da sua linguagem com a do Indostão. Havendo antigamente causado receios o extraordinário desenvolvimento d'aquelle população, fo-

ram repartidos como escravos pelos boyardos, que os tratavam como animais domésticos, chegando até a vendê-los, quando se queriam desfazer d'elles. A medida que ha pouco determinou a sua emancipação ainda se não faz em prática. Deixam andar as crianças nuas até aos dez ou doze anos de idade, e os adultos de ambos os sexos apenas trazem sobre si com que miseravelmente disfarçar a nudez. Os seus utensílios e viaturas revelam muito engenho, mas apesar da extrema habilidade que manifestam em tudo que empreendem não os livra dos barbares tratamentos que lhes infligem os senhores. Ainda que em geral são considerados como ladrões e assassinos o autor constantemente lhes achou muito boa índole e os considera como uma raça abandonada e mais digna de compaixão que propria para suscitar apreensões.

Sir Henry Kawlinson fez um interessante esboço da história da emigração dos ciganos, e confirmou a opinião do autor acerca da sua origem indiana. Parece que a primeira emigração dos Indos, teve lugar no quarto século. D'ali foram para Susiana, e no sexto século ocuparam os países Chaldeicos, d'onde foram removidos para as portas Cilicianas, e continuaram a habitar o Norte da Syria até que os imperadores gregos os repeliram para Iconium. No século XIII, tomaram a direção do Bosphoro, e a primeira vez que se ouviu falar d'elles na Europa, foi no século XIV. Data a sua chegada à Moldavia de 1828. O seu dialecto corresponde geralmente ao Hindostanico, e principalmente em Alepo pode-se conversar com elles sem maior dificuldade n'esta língua.

O general Monteith tratou de perto os ciganos na Persia, e julga favoravelmente dos seus hábitos e condição.

Na ASSOCIAÇÃO ARQUEOLÓGICA apresentou Mr. Brent uma linda miniatura em cobre de Velasquez representando a mulher de Cortez—Mr. Marohall, fez ver quatro pinturas de Santos, vindas de Sebastopol, e Mr. Pettingre deu conta das antiguidades de Kertch e seus arredores mormente das encontradas em diversos tumulos, tais como esqueletos e preciosas relíquias, o que vem completamente confirmar o que já era sabido acerca dos costumes dos antigos Scythas.

Tem continuado os concertos de Mm. Goldschmidt, com tudo a celebre cantora já satisfez mais os seus admiradores. Apesar disso, a verdade é que no ultimo, não havia um lugar vago em Exeter-Hall.

O signor Pico natural da Sardenha deu ha 15 dias o seu primeiro concerto no theatro ADELPHI,

* *A visit to Sebastopol a week after the Fall*, by an officer of the Anglo-Turkish Contingent (Smith-Elder etc. C.) London.

coadjuvado pela *Orchestral Union*; anunciou cinco. Intitula-se e com razão, « o cego mestre e phenomeno musical ». Está no principio da sua carreira, e ainda não ha dois annos que se apresentou pela primeira vez ao publico. Em quanto tão habéis machinistas como Mr. Sax tem aperfeiçoado os mais complicados instrumentos de vento da orchestra, o pastor sardo privado da luz dos olhos, só pela força da perseverança e do seu instinto musical, conseguiu fazer d'um flageolet rustico, um instrumento apresentavel.

A proposito de curiosidades musicas devo citar-vos uma tocadora de flauta da Moravia, Mm. Cleopatra Tornborg que já deu um concerto em Paris.

No theatro HAYMAKET subio á scena uma comedia original de Mr. Bayle Bernard. O GENIO DO MAL * foi bem recebida. É uma composição em que o espirituoso do dialogo mantém n'uma optima temperatura a attenção da platéa. Os papeis foram distribuidos em perfeita harmonia com as forças dos artistas.

O que vou contar-vos, tambem seria comico, se não fosse triste. Isto de juizo, é a cousa mais preocaria do mundo.

Ha dias Mr. Jardine sollicitador da thesouraria acompanhado por um official de policia foi á cidade de Sant-Albans a fim de proceder a um inquerito sobre o comportamento de M. C. Parker signatario de duas cartas ultimamente dirigidas a S. Magestade, nas quaes este homem se dá pelo propheta Elyseu.

Pretende ter direitos á corôa de Inglaterra requer á rainha Victoria que abdique em seu favor e ameaça-a em caso de recusa de obrigar-a pela força das bayonetas, avisando-a em post-scriptum que medite bem antes de lhe mandar a resposta, porque com elle se hade haver quando subir ao throno.

Tal é a substancia da primeira carta; a segunda, datada de 4 do corrente; foi escripta com menos acrimonia: tenta persuadir pela brandura sem ameaçar. Mr. Richardson e Mr. Langridge interrogaram aquelle desgraçado, e verificaram o seu procedimento durante este ultimo anno. A senhora Walkell em casa de quem elle morava, sabe da remessa das duas epistolas e declara que o seu hospede anda sempre dominado por extraordinarias halucinações, e embebido em sonhos de grandeza e poder; em quanto no mais é, um bello homem, que não faz mal a ninguem.

* *The Evil Genius.*

O Dr. Nicholson, depois de o haver interrogado, declarou que lhe achava uma alienação mental. Depois d'um colloquio entre Mr. Parker e o Dr. Lipcombe volta-se o pretendente para os magistrados e exclama.

Da parte de Deos vos digo que sou o propheta Elyseo, e que é de mim e não de outro, que resam os versetes 2.º e 11.º do velho-testamento e das revelações. Quer Deos conceder-me illimitada fortuna e poder infinito n'este paiz.

Os magistrados assignaram uma ordem para ser recebido o propheta no hospital dos alienados de Bedlam.

Vosso reverente criado,

JORGE THOMPSON.

Londres 15 d'abril.

Empresa Litteraria.

O parecer da respectiva commissão foi aprovado em todas as suas partes na ultima reunião de 10 do corrente, decidindo-se unanimamente que se encorporasse a empresa litteraria — DOUS DE DEZEMBRO.

Regosijamo-nos com este passo de gigante que acaba de dar a empresa. N'esta associação reconhecemos nós os poderosos elementos de um futuro e proximo progresso não só para a industria typographica, mas especialmente para as letras e para os seus cultores.

Todos reconhecem as soberanas diffuldades que ha de publicar e fazer circular um escripto qualquer ainda mesmo os de auctores conhecidos e conceitoados: a empresa Dous de Dezembro hade solver estas diffuldades, hade dar uma garantia, aos auctores, não só para a publicação, como para a circulação.

O Sr. F. de Paulo Brito é incontestavelmente o homem mais competente para se collocar á testa d'uma semelhante empresa. As suas maneiras, as suas relações, a sua intelligencia, a sua incansavel actividade, o seu fanatismo pela prosperidade da empresa a que se tem consagrado com penosos e reiterados sacrificios, tudo isto são garantias de consolidação e prosperidade e favor da EMPRESA LITTERARIA, em cuja realisação estão interessadas pessoas de legitima influencia e prestigio; e que conta com a munificencia d'um monarca essencialmente munificente.

O parecer da commissão é digno de louvor. E' um trabalho consciencioso, e por isso digno de ser a pedra angular, a pedra mestra sobre que deve assentar todo o pensamento da Empresa Litteraria.

Os Srs. Dr. Pacheco, Dr. José Florindo, conselheiro Caldas Vianna e visconde do Rio Bonito, autores d'esse importante trabalho tornam-se dignos de louvor pelo importante serviço que prestaram á empresa, dissinindo-a e traçando-lhe a orbita da sua missão e do seu futuro progresso.

Ao incansável Sr. F. de Paula Brito damos as devidas felicitações pelo feliz resultado que vae obtendo a sua idéa fixa, o pensamento em que se tem alimentado ha muitos annos.

O homem honesto e trabalhador obtém por fim uma recompensa aos seus esforços, o Sr Paula Brito que é honesto e trabalhador, vae agora colher o fructo dos seus sacrifícios de tantos annos de lida e trabalho.

Associação benficiante.

Acaba de fundar-se n'esta corte uma sociedade portugueza denominada DEZESEIS DE SETEMBRO, com o philanthropico e caridoso fim de procurar e proporcionar um emprego honesto aos socios que d'elle necessitem: fazel-os transportar á sua patria quando razões de molestia assim o aconselhem, facilitar as rescisões de locações de serviços, quando onerosas, e dar em cada um anno, no respectivo dia natalicio, um publico testemunho de veneração ao sabio e joven rei, que hoje cinge a coroa de Affonso Henriques.

Pela nossa parte felicitamos os autores d'essa instituição, e fazemos votos para que ella progrida e para que desempenhe satisfatoriamente os compromissos que acaba de contrahir. São elles mais difíceis do que á primeira vista se pensa, é muito espinhosa a tarefa, porque tem de satisfazer, resolver e modificar muitas exigencias e pretenções; mas contamos que com vontade e fé robusta hade triumphar o fim humanitario d'esta associação.

Na sociedade DEZESEIS DE SETEMBRO acham-se symbolizados douz generosos e nobres sentimentos o espirito de protecção e caridade, e o amor da patria consagrado ao soberano que a preside.

Diante da manifestação d'essas duas virtudes, uma religiosa e outra cívica, só nos resta juntar os nossos votos de aplauso aos louvores, com que toda a imprensa diaria tem recebido a philanthropica, humanitaria e patriotica associação DEZESEIS DE SETEMBRO.

VARIÉDADE.

A uma filha do campo.

No meio d'estas colinas,
Flôr singella das campinas,
Virgem de meigo sorrir,
Vai-te a vida docemente
Como a limpha transparente
Onde o céo vem reflectir.

No teu leito, á luz da aurora,
Sempre leda como agora
Deos aqui te acordará
Aos sons do canto fagueiro
Que exala no seu jambeiro
Modulando o sabiá.

Porque pois, pobre innocent,
Porque buscas imprudente
Ver as festas da cidade
Lá tão longe... murmurando,
Como longe soluçando
Ferve o mar em tempestade ?...

Alva pomba de candura
Guarda bem tua ventura
No seio da solidão :
Esse pego tão profundo
De magoas que vai no mundo
Não saiba o teu coração.

Ai de ti se abandonares
A ventura de teus lares
Pelas festas da cidade,
Tarde, tarde arrependida
Ao buscar tão doce vida
Só terás dôr e saudade.

Branco lirio que do prado
Para o monte foi mudado
Toma embora para ali...
Torne embora, a murcha flor
Já não tem cheiro, nem côn ;
Nem a beija o colibry.

Verás de novo as campinas,
Este bosque, estas colinas,
Que te crearam tão bella...
Mas em vão triste coitada
Por tua vida passada....
Em vão chorarás por elle.

Em vão pedirás ao monte,
Ao valle, á campina, á fonte
Prazeres que viste aqui :
Gemerás triste sem cura,
Triste como na espessura
Geme agora a juruty.

Guarda pois, ó virgem pura,
Guarda bem tua ventura,
No seio da solidão :
Esse pego tão profundo
De magoas que vai no mundo
Não saiba o teu coração.

M. J. SILVA GUIMARÃES.

ESCRITORIO DA REDACÇÃO.
Rua do Hospicio n. 266.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.